

VISUAIS

O outro lado da moeda

Mário Rufino exhibe apropriações em tom de ironia

MORGAN DA MOTTA (*)
CRÍTICO/ARTES VISUAIS

São raras as exposições individuais de artistas jovens que conseguem um olhar mais profundo ou uma crítica mais séria. As propostas mais recentes de Mário Rufino, ora em cartaz na Galeria de Arte Nello Nuno, na Fundação de Arte de Ouro Preto, alcançam tais objetivos.

Revelado na última edição do RESUMO HOJE, realizada no Museu Inimá de Paula de dezembro a janeiro últimos, ele agora retorna sem as esculturas e as mega-pinturas - pintadas/grafitadas - diretamente nas paredes do Museu, sob o título de "Pirataria".

São "apropriações" de novas imagens sobre "banners" e cartazes daqueles que são comuns nas bancas de revistas e até alguns que ele consegue com catadores de lixo.

Apropriações, reciclagens ou apenas intervenções? Sem dúvida, de tudo um pouco, sem cair no pedantismo dos críticos neófitos que preferem os tais deslocamentos.

Não há qualquer inovação. Nem um mínimo rastro de novidade. Assim como a

publicidade toma a arte como base para a construção da sua mensagem, as pinturas são concluídas a partir da pura cópia das mensagens da propaganda. Cada panfleto, anúncio do comércio, imagens, transeuntes, objetos, são capturados e reutilizados em uma composição de excessos. Se tudo já foi criado, a meta é fazer uso agora de tudo para construir e reconstruir.

Afinal de contas, como nas próprias palavras de Luigi Pareyson, em "Os Problemas da Estética", "a arte é imitação da natureza enquanto representa a realidade, mas quando a inova, ou então, incrementa o real, seja porque acrescenta ao mundo natural um mundo imaginário, é uma contradição aparente, tendo em vista a lógica de tais trabalhos apostarem no oposto. Enfim, não é arte, entretanto, pirataria dessa arte.

Mas, com o teórico Pareyson ou sem ele, Mário Rufino dá o seu recado visualmente sem fazer maiores malabarismos intelectuais.

"Pirataria", composta de 29 apropriações, pode ser vista até o dia 6 de junho, na Galeria Nello Nuno, na Faop, em Ouro Preto, de segunda a sexta, de 9 às 18 horas, e aos sába-

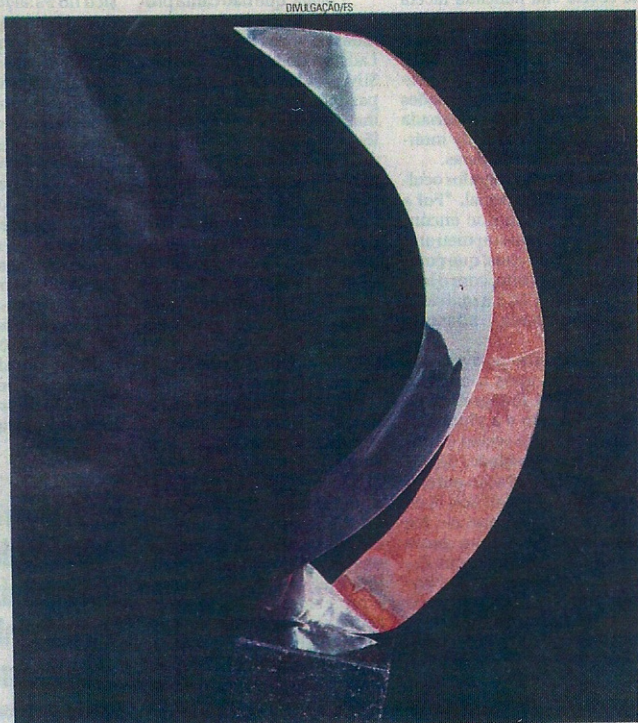
dos, de 9 às 14 horas.

Também em Ouro Preto a retrospectiva de Beelkiss Diniz, "20 anos de Escultura" cartaz até 4 de junho, na Galeria de Arte da Casa dos Contos, à Rua São José, 12.

Beelkiss, que trafegava praticamente pela temática "art déco", agora mediante sua retrospectiva, demonstra antes de tudo que está mais livre, esquecendo um pouco fases passadas e explorando mais os recortados e vazados do neo-concreto. Além disso, permite fazer uma revisão de toda sua trajetória. Em Belo Horizonte, hoje e amanhã, últimas oportunidades para visitar e checar o que há de mais recente de Fátima Santiago nos jardins e hall do Minas II. São esculturas de port médio e monumentais. Utilizando-se de novas mídias materiais, ela as cria essencialmente em aço Us Sac-300, em contraponto com o aço inox. Vale a pena ver de novo, no Minas II, na sede da Avenida Bandeirante nos limites dos bairros Mar gabeiras e Serra. ☺

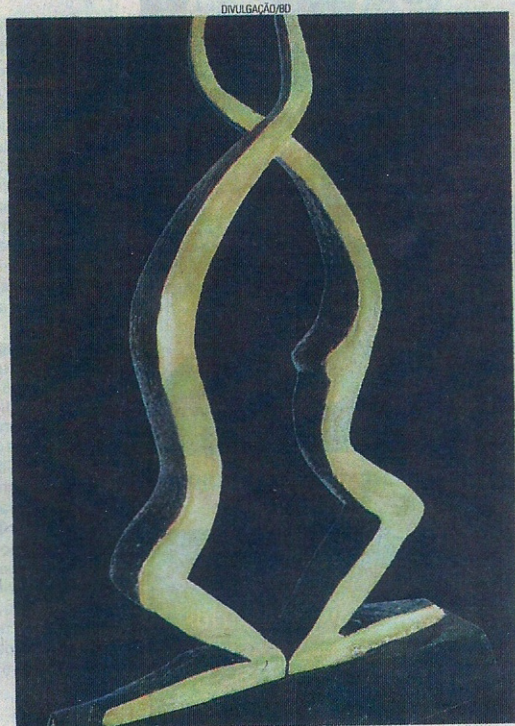
☺ (*) Morgan da Motta é jornalista e crítico de arte, membro da Associação Brasileira de Críticos de Arte e da Associação Internacional de Críticos de Arte, órgão da Unesco

DIVULGAÇÃO/FS



Escultura da nova safra de Fátima Santiago, cuja exposição chega aos últimos dias na galeria do Minas II

DIVULGAÇÃO/BO



Escultura de Belkiss Diniz, um dos destaques da mostra na Casa dos Contos de Ouro Preto

☺
"Ela está mais livre esquecendo um pouco fases passadas explorando mais os recortados"
Sobre Beelkiss Diniz em Ouro Preto